

**QUANDO PAULO FREIRE VIER: *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*, SANTA CRUZ
E RELIGIÃO**

Emerson Sena da Silveira¹

Recebido em: 13/10/2021
Aprovado em: 20/12/2021

Resumo: Este artigo procura compreender duas obras e contextos, a Pedagogia do Oprimido (1968), do filósofo e educador Paulo Freire, e o filme-documentário Santa Cruz (2000), do cineasta João Moreira Salles e do jornalista Marcos Sá Corrêa. A primeira obra, critica educação tradicional, propõe a educação problematizadora e a mudança social radical. A segunda, mostra o cotidiano de evangélicos pentecostais na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro durante a construção de seu pequeno templo. Elaborou-se um paralelo entre as obras e, nos contextos sócio-históricos, tangentes. Entende-se que uma reflexão socio-crítica se faz essencial diante do crescimento evangélico e seu forte impacto na política, educação e sociedade brasileiras. A metodologia qualitativa-teórica, baseada em uma perspectiva histórico-antropológica, guiará a construção discursivo-textual deste artigo. A partir da exposição resumida das obras e da seleção de passagens-chave, buscaram-se três resultados: a importância da releitura das ideias paulofreirianas para compreender melhor o mundo contemporâneo; a crítica das abordagens romântico-fenomenológicas e, por fim, o convite à transformação social a partir da crítica paulofreiriana à sectarização e à educação não-problematizadora.

Palavras-chave: Educação problematizadora. Paulo Freire e evangélicos. Crítica da religião. Comunidade pentecostal.

WHEN PAULO FREIRE COMES: PEDAGOGY OF THE OPPRESSED, HOLY CROSS AND RELIGION

Abstract: This article seeks to understand two works and contexts, the Pedagogy of the Oppressed (1968), by philosopher and educator Paulo Freire, and the documentary Santa Cruz (2000), by filmmaker João Moreira Salles and journalist Marcos Sá Corrêa. The first work criticizes traditional education, proposes problematizing education and radical social change. The second shows the daily life of Pentecostal evangelicals in the West Zone of Rio de Janeiro during the construction of their small temple. A parallel was drawn between the works and, in the socio-historical contexts, tangents. It is understood that a socio-critical reflection is essential in face of the evangelical growth and its strong impact on politics, education, and Brazilian society. The qualitative-theoretical methodology, based on a historical-anthropological perspective, will guide the discursive-textual construction of this article. Based on the summarized exposition of the works and the selection of key passages, three results are sought: the importance of re-reading Paulo Freire's ideas to better understand the contemporary world;

¹ Doutor em Ciência da religião, antropólogo, professor do Departamento de Ciência da religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: emerosn.pesquisa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5407-596X>.

the critique of romantic-phenomenological approaches; and, finally, the invitation to social transformation based on the Paulo Freire's critiques of sectarianism and non-critical education. **Keywords:** Critical education. Paulo Freire and evangelicals. Criticism of religion. Pentecostal community.

QUANDO VIENE PAULO FREIRE: PEDAGOGIA DEL OPRIMIDO, SANTA CRUZ Y RELIGIÓN

Resumen: Este artículo pretende comprender dos obras y contextos, la Pedagogía del Oprimido (1968), del filósofo y educador Paulo Freire, y el documental Santa Cruz (2000), del cineasta João Moreira Salles y el periodista Marcos Sá Corrêa. La primera obra critica la educación tradicional, propone una educación problematizadora y un cambio social radical. La segunda muestra la vida cotidiana de los evangélicos pentecostales en la Zona Oeste de la ciudad de Río de Janeiro durante la construcción de su pequeño templo. Se elaboró un paralelismo entre las obras y, en los contextos sociohistóricos, las tangentes. Se entiende que una reflexión sociocrítica es esencial ante el crecimiento evangélico y su fuerte impacto en la política, la educación y la sociedad brasileña. La metodología cualitativa-teórica, basada en una perspectiva histórico-antropológica, guiará la construcción discursiva-textual de este artículo. A partir de la exposición resumida de las obras y de la selección de pasajes clave, se buscan tres resultados: la importancia de releer las ideas 'paulo-freirianas' para comprender mejor el mundo contemporáneo; la crítica a los planteamientos romántico-fenomenológicos y, por último, la invitación a la transformación social desde la crítica 'paulo-freiriana' al sectarismo y a la educación no crítica.

Palabras-Clave: Problematización de la educación. Paulo Freire y los evangélicos. Crítica de la religión. Comunidad pentecostal.

INTRODUÇÃO

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam
Paulo Freire, epígrafe de *Pedagogia do Oprimido*

Neste artigo, aproximarei duas obras e contextos, *Pedagogia do Oprimido* (1968/1970), do filósofo e educador Paulo Freire, e o filme-documentário *Santa Cruz* (2000), do cineasta João Moreira Salles e do jornalista Marcos Sá Corrêa. O fio que percorre as duas obras, o livro e o média-metragem, é um: o Brasil – ou Brasis, devido à extrema desigualdade regional, socioeconômica, em dois momentos que se desdobram em uma malha específica, que é a ascensão do capitalismo em seus momentos de transição do industrial ao financeiro, sob a hegemonia do neoliberalismo. Por um lado, vê-se a reconfiguração do Estado e da sociedade brasileira, e por outro, e dentro destes, as mutações na educação e no campo religioso, marcadas pela emergência de um forte reacionarismo cristão, fechado, intolerante para com outras formas de vida, amor, família e sociedade.

Em 1968, no contexto do exílio forçado pelo Golpe de Estado e Ditadura Militar brasileira (1964-1985), o filósofo e educador pernambucano escrevia o seu mais importante livro, *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2018), dentre outros, como *Ação Cultural para liberdade* (FREIRE, 1981) – talvez o segundo mais importante. Em 1970 publicava em inglês. A imensa importância desse texto reside em dois aspectos essenciais: novos caminhos teórico-práticos, realmente criativos, e a plataforma de lançamento na língua global e em universidades estadunidenses e inglesas. Sucederam-se edições em espanhol (1970), italiano e alemão (1971), francês e grego (1974), mas apenas em 1975, em português. Desde aí, houve tradução e edição em japonês (1979), tailandês (1985), coreano (2002), árabe e finlandês (2005). Talvez seja uma das obras mais traduzidas e editadas no mundo.

Trinta anos depois, em 2000, o média-metragem *Santa Cruz*, com 61 minutos, foi lançado com sugestivo título. Ele evoca uma região geográfica marcada por pobreza, desassistência social e a religião cristã. O cineasta João Moreira Salles e o jornalista Marcos Sá Corrêa e equipe, acompanharam durante nove meses do ano anterior a vida de homens e mulheres evangélicos e a construção da *Casa de Oração Jesus é o General* em uma ocupação clandestina (Parque Florestal) dentro do bairro Santa Cruz, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Eles procuraram entender imagética e narrativamente os motivos da criação e multiplicação das seitas evangélicas. São duas obras que coloco em paralelo, mas justapostas a uma estrutura sócio-histórico de longa duração, o (s) Brasil (is), e seus dilemas. Espero iniciar uma conversa que tenha continuidade com vocês, leitores.

A metodologia qualitativa-teórica em uma perspectiva histórico-antropológica, guia a construção discursivo-textual do artigo a partir da exposição resumida de passagens-chave. Espero alcançar três resultados, a releitura de ideias paulofreirianas para melhor compreensão do mundo contemporâneo; a demonstração dos limites de abordagens romântico-fenomenológicas ou moralizante-voluntaristas sobre o mundo religioso evangélico e a sociedade, e, por fim, o convite à transformação social a partir da crítica paulofreiriana à sectarização e à educação não-problematizadora.

DOS CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DAS OBRAS

No contexto anterior e posterior à redação do livro, em Santiago do Chile, em 1968, ocorreram movimentos, eventos e processos importantes. No Brasil, a Ditadura Militar endureceu ainda mais a repressão (AI-5, fechamento do Congresso, censura, cassação de direitos de políticos e tortura). Ocorreram, em maio do mesmo ano, protestos estudantis-operários de esquerda-anarquista, não-alinhados com os socialismos cubano, soviético e chinês e, ainda, as Jornadas de Maio, na França e no Mundo. Ainda em 1968, ocorria a Primavera de Praga na antiga Tchecoslováquia, uma das tentativas de refundar o socialismo, devolvendo a ele liberdades democráticas amplas, mas a União Soviética esmagou essa rebelião de esperança. No mesmo ano aconteciam dois eventos, a Conferência de Medellín, na Colômbia, que reuniu o episcopado latino-americano em torno da teologia da libertação, apesar das resistências conservadoras e o assassinato do pastor batista Martin Luther King Jr., uma das vozes, junto à de Rosa Parker, do poderoso movimento antirracista pelos direitos das minorias negras estadunidenses.

Nessas décadas também emergiam processos geopolíticos fundamentais: o auge da Guerra Fria, com a crise dos mísseis soviéticos em Cuba (1962) e Guerra do Vietnã (1959-1975); o consenso neoliberal após a crise do Estado de bem-estar social; o acordo China e EUA (1972); o libertarismo de direita (indivíduo em liberdade absoluta) e o ressurgimento de movimentos reacionários na Europa, EUA e Brasil – nesse caso, o televangelismo norte-latino-americano conservador, embrião das igrejas evangélicas midiáticas modernas e o grupo católico TFP (Tradição, Família e Propriedade). No Brasil, ainda, aumentou a destruição dos biomas (floresta amazônica, pantanal, cerrado, de terras indígenas). Ocorria o genocídio de milhares de indígenas, as lutas camponesas por reforma agrária emergiam. Foram assassinados lideranças sindicais, camponeses, padres, freiras, em especial na Amazônia e nas zonas de avanço do capitalismo sem freios e sem regulação social. Em resposta, organismos religiosos-civis importantes foram criados em 1971, como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e, em 1975, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) – órgãos ligados à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), da Igreja Católica. Por outro lado, em 1976, 1977 e 1980, são fundadas as primeiras igrejas midiático-empresariais, a comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus.

Entre 1999 e 2000, no segundo governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), é filmado o documentário *Santa Cruz*. São os anos do Consenso de Washington (época Reagan-Thatcher-Wojtyla), de privatizações selvagens, perda do patrimônio público (Rede Ferroviária Federal, Vale do Rio Doce) e desmonte da rede de proteção, seguridade e economia social, instituída pela Constituição Federal de 1988. A pobreza e a fome se acentuaram. Foram realizadas campanhas como a Ação da Cidadania contra a Fome, de Betinho, (1993-2000), germe das políticas sociais vindouras nos governos de esquerda. Houve o impeachment do primeiro presidente eleito após a Ditadura Militar (Collor de Mello, em 1992), a Guerra do Golfo (1990-1991), o desmonte da União Soviética (1989-1990). Nessas décadas, a realidade virtual-maquínica e as redes virtuais (ICQ e mIRC) surgiam. Com isso, consolidava-se o pós-fordismo, a robotização das fábricas e a precarização do emprego. Por um lado, estavam em alta os conflitos agrários (massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, em 1996) e a luta social; por outro a primeira marcha nacional do Movimento dos Sem-Terra, em 1997. Cresceram os ramos neopentecostais evangélicos com fortes repercussões midiático-políticas. Entre 1992 e 1995, o emblemático líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), foi preso e sofreu processo por parte do Ministério Público Paulista por estelionato, charlatanismo e curandeirismo, mas foi absolvido neste e noutra acusação de instigar a violência contra cultos afro-brasileiros. Em 1995, aconteceu o chute na Santa, quando Sérgio Von Helder², ex-bispo iurdiano, desferiu pontapés em uma imagem da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, em um programa da TV Record³. Cabe referência aos massacres que anunciavam a dominação criminosa das milícias: o da Chacina da Candelária, em 1993, quando 8 jovens foram assassinados na calada da noite por PMs e o de Vigário Geral (1993). Neste último, um grupo de homens encapuzados, a maioria policiais militares, armados com granadas, fuzis e metralhadoras, entraram na favela carioca para vingar quatro PMs mortos. 21 pessoas simples, homens, mulheres, trabalhadores, jovens estudantes, foram assassinadas. Uma família de evangélicos, com oito pessoas, foi cruelmente chacinada. Dos 52 participantes, apenas 7 foram denunciados e responderam pelo crime.

² Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/mais-de-20-anos-apos-chutar-santa-pastor-diz-que-e-estupido-ao-falar-da-biblia> Acesso em: 12 nov. 2021.

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/17/brasil/38.html> Acesso em: 12 nov. 2021.

Os contextos das duas obras de que trato são de intensa violência institucional e social, perda de direitos, expansão de um capitalismo voraz, desregulado, privatizador, sem controle público, sem que seus efeitos negativos sejam questionados e sem que as riquezas geradas em seu regime sejam redistribuídas para as classes e setores fragilizados socialmente. No intervalo entre as obras e delas aos dias que correm, mais cresceram os incômodos com a religião e a sociedade, do que decresceram as ânsias de compreensão. Nesse sentido, “a crítica da religião é a premissa de toda crítica” (Karl Marx)⁴.

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

O casal Paulo e Nita Freire tiveram de se exilar, às pressas, em Santiago, no Chile, após perseguição promovido pelas Forças Civis-Militares do Golpe de 1964. O livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2018) anuncia uma nova filosofia da educação como ato político, carrega vozes plurais, é nascente e foz de múltiplas influências intelectuais e ações sócio-políticas nutridas em perspectivas socio-filosóficas, como as de John Dewey, Anísio Teixeira, Karl Marx, Edmund Husserl, Jean-Paul Sartre, Frantz Fanon, Simone de Beauvoir, por um lado, e, por outro, as da militância cristã (católico-evangélica) por justiça social, encarnadas na Teologia da Libertação e nas Comunidades Eclesiais de Base⁵. Tamanha é a quantidade de edições, comentários, debates, análises, teses e pesquisas que é muito difícil mapear tudo o que se escreveu sobre a seminal reflexão paulofreiriana. Professor de filosofia em Recife, o educador e filósofo brasileiro escrevia suas obras à mão. Antes de redigi-las, conversava com todos em seu entorno sobre suas ideias. Envolveu-se em campanhas de educação popular, cultivou laços com pesquisadores, pensadores, sindicalistas, camponeses, artistas, sacerdotes e leigos católicos e protestantes, operários, governos do Brasil e do mundo. Conheceu Rubem

⁴ Texto: *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm> Acesso em: 12 nov. 2021.

⁵ Para driblar a censura militar, houve uma operação cuidadosa para trazer os originais ao Brasil. Eles chegaram nas mãos do conselheiro da Suíça, Jean Zigler. Mas, a obra já era lida aqui entre operários e militantes políticos a partir de cópias datilografadas ou trazidos por freiras católicas que, ao chegarem dos EUA, arrancavam as capas do livro *Pedagogia do Oprimido* e metiam-lhe outras com figuras religiosas (FREIRE, 1997).

Alves, Richard Shaul e James Cone, expoentes da teologia libertação e da teologia negra da libertação de origem evangélica. Nos originais, segue a estrutura:

Quadro 1 – Manuscrito do Pedagogia do Oprimido (mantida a grafia original)

<i>Itens</i>	<i>Síntese e Trechos transcritos</i>
Epígrafe	“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (p. 35).
Queridos amigos Jacques e Maria Edy	“Gostaria que vocês recebessem estes manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens, como uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo” (p. 37).
Primeiras palavras	Frutos de reflexão (exílio e experiências educacionais no Brasil (cursos de capacitação). O medo da liberdade, a consciência crítica, falas de operários, discussão de situações concretas. Crítica forte à sectarização de direita e de esquerda. - “Ensaio que, provavelmente, irá provocar em alguns de seus possíveis leitores, reações sectárias” (p. 39).
I Capítulo	Justificativa da Pedagogia do oprimido. Contradição opressores-oprimidos, superação. Situação concreta de opressão e os oprimidos. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho – os homens se libertam em comunhão” (p. 53).
II Capítulo	Crítica da educação bancária. – “Os oprimidos, como casos individuais, são patologia da sociedade sã, que precisa, por isto mesmo, ajustá-los a ela, mudando-lhes a mentalidade de homens ‘ineptos e preguiçosos’” (p. 145).
III Capítulo	Dialogicidade e educação problematizadora. Crítica da palavra como verbalismo e da ação como puro ativismo. Crítica da dicotomia teoria e prática. - “Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. [...] Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação” (p. 189).
IV Capítulo	Crítica da antidialogicidade e a dialogicidade, da manipulação e invasão cultural, teoria da ação antidialógica e da dialógica. - “É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a praxis, a teoria do quefazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este quefazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão, reflexão e ação se dão simultaneamente” (p. 305).

Fonte: autoria própria, 2021, extraído de Freire (2018).

O que se inscreve no coração dessa obra é objeto de muitas interpretações, mas proponho uma: produzir uma conversa crítica, que fomente práticas coletivo-participativas democráticas que ampliem os horizontes da igualdade social no presente vivido, superem a educação bancária, as dicotomias sociais (oprimido-opressor), a sectarização, e produzam uma sociedade mais fraterna e socialmente mais justa. Esse processo só é efetivado junto com os oprimidos ou desenraizados em busca de emancipação teórico-prática no sentido de que não há destino irremediável, realidade

imutável ou desigualdade social inextirpável. Há nesse livro uma filosofia irrigadora de práticas e visões de mundo que deseja transformação política em uma chave emancipadora profunda, ou revolucionária. Daí nasce a educação problematizadora. Esse processo se ergue sobre as vivências das comunidades (trabalhadores, camponeses, migrantes e grupos sociais fragilizados) junto com grupos de educadores críticos oriundos das próprias realidades. Assim:

Nossas afirmações, neste ensaio, **ainda que não lhes demos jamais caráter dogmático**, não são fruto de meros devaneios intelectuais nem resultados, apenas, de leituras [...]. Estão sempre ancoradas em situações concretas. **Expressam reações de camponeses, de proletários e de homens de classe média, que vimos observando, direta ou indiretamente, em nosso trabalho educativo**. Nossa intenção é continuar com estas observações para **retificar ou ratificar**, em **estudos posteriores**, pontos afirmados neste ensaio introdutório (FREIRE, 2018, p. 43, destaque meu).

A educação popular crítica deixou de ser prioridade no projeto das esquerdas institucionais quando estiveram no governo (2002-2015). Nesse momento, também não o é, quando não sabem ao certo qual projeto propõe além do surrado receituário de mitigação do neoliberalismo e de suas consequências sociais, culturais, políticas e intersubjetivas. Sobrevivem aqui e ali alguns projetos de educação popular, mantidos a duras penas. *Pedagogia do Oprimido* contrapõe-se à educação tradicional ou bancária, em que o professor deposita conhecimento no aluno. Depois, nos exames, essa figura-ideal, saca o valor depositado e verifica se o conteúdo foi assimilado. O processo ocorre de forma acrítica e seccionado das vivências dos alunos e dos próprios professores, não é liberador-emancipador, mas ajustador-conservador. A essa alienadora visão e prática, Freire (2018) propõe a educação que problematiza e que chama atenção para os conflitos sociais, os conflitos de classe. Por isso o livro anuncia que a pedagogia é política, não é procedimento de alfabetização ou técnica que se aplica independentemente de uma visão crítica de mundo. Essa visão nasce da dialogicidade entre educando e educador nos espaços sociais mais diversos, não apenas na escola, mas nela e além. A força do livro retorna em tempos de ascensão da extrema-direita cristã-libertária que governa o Brasil desde 2018, ela mesma um sintoma patológico de mal-estar e de desigualdades profundas (GHIRALDELLI, 2021; 2021 b). Por outro lado,

Ghiraldelli (2012) observa que as expressões oprimido, educação bancária, entre outras, foram banalizadas por uma militância política engessadora. A militância de parte das esquerdas institucionais-burocráticas, levou-as na direção contrária do ideal paulofreiriano com a ideia de que as massas deveriam ser libertas, messianicamente redimidas no caudal de líderes. Ghiraldelli (2012) propõe uma redescrição, baseada em falas de Freire: o oprimido como desenraizado, arrancado de sua terra, origem, cultura, posses e posto em situação degradante, sem que seus saberes e culturas sejam valorizados. Não se produziram mediações - pautadas pela educação problematizadora - entre o universo sociocultural-existencial dos desenraizados e o universo sociocultural-existencial hegemônico. Fechamento e alienação são o resultado. No contrapé da anti-dialogicidade, o filósofo pernambucano desferiu críticas à sectarização de direita e de esquerda, inscrita numa ordem mitológica, ou seja, a produção de comportamentos desconectados do pluralismo de ideias, da vivacidade da crítica e da autocrítica produzidas na vivência coletiva e cotidiana das/com as comunidades e grupos desenraizados ou oprimidos:

[...] fechando-se em um “círculo de segurança”, do qual não podem sair, estabelecem ambos a sua verdade. **E esta não é a dos homens na luta para construir o futuro, correndo o risco desta própria construção. Não é a dos homens lutando e aprendendo, uns com os outros, a edificar este futuro**, que ainda não está dado, como se fôsse **destino**, como se devesse ser recebido pelos homens e não criado por eles. A sectarização, em ambos os casos, é reacionária porque, um e outro, apropriando-se do tempo de cujo saber se sentem igualmente proprietários, terminam sem o povo [...]. Enquanto o **sectário de direita, fechando-se em ‘sua’ verdade**, não faz mais do que o que lhe é próprio, o **homem de esquerda que se sectariza-se também se encerra é a negação de si mesmo**. Um, na posição que lhe é própria; o outro, na que o nega, **ambos girando em torno de ‘sua’ verdade, sentem-se abalados na sua segurança se alguém a discute**. Daí que lhes seja necessário considerar como **mentira tudo o que não seja a sua verdade**. Sofrem ambos da **falta de dúvida** (FREIRE, 2018, p. 40, destaque meu).

Talvez os olhos de Freire estivessem voltados para a direita extremista conhecida (golpes civis-militares do Brasil e do Chile, em 1964 e 1973) e para a esquerda sem apreço pela liberdade (stalinismo, leninismo, maoísmo, castrismo). As execuções sumárias sem julgamento legal no início da Revolução Cubana (1959-1960) e a posterior perseguição aos homossexuais, as chacinas de milhares de pessoas promovidas por Pol-

Pot, líder do Khmer Vermelho na guerra do Camboja (1975) ou a Revolução Cultural Chinesa (1966), que assassinou milhares de pessoas, entre outros exemplos, mostram um rosto monstruoso do comportamento sectário. Assim, ao criar a figura típico-ideal do homem e mulher engajados na emancipação coletiva, ou revolucionária, Freire (2018, p. 57) afirma: “[...] não teme ouvir, **não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com êle**, de que resulta o crescente saber de ambos. **Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos**. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com êles lutar (sic)” (grifos meus). As mediações conduzidas pela dialogicidade e criticidade em chave coletiva, transfigura a distinção aluno-professor, desfaz a dicotomia entre teoria e prática e se torna motor de transformação social. Que relações há entre essas realidades e as imagens de evangélicos pobres criando sua história em uma comunidade sofrida, sem infraestrutura social, é a pergunta dirigida a nós no item a seguir.

SANTA CRUZ

Jamil Alves da Silva, metalúrgico aposentado, tornado pastor pentecostal, funda uma igreja. Ele faz suas locomoções de bicicleta e inaugura na carente comunidade, a *Casa de oração Jesus é o General*. Nas cenas, se vê uma imensa violência social exercida sobre essa gente, os oprimidos ou desenraizados na linguagem paulofreriana, moradores em uma ocupação clandestina. Eis a estrutura geral:

Quadro 2 – Santa Cruz - Documentário

<i>Partes principais</i>	<i>Sinopse</i>
1- Santa Cruz	Um casal de idosos, ele em silêncio, e ela, Maria Noêmia, canta, titulada como missionária. Rua em situação miserável, barracos, gente. Narrador Marcos Corrêa diz: “longe da ordem, da lei e da proteção do Estado” (2m 45s). Construção do pequeno templo, fiéis, entorno, pastor, ajudantes, ritual, expansão, laços sociais.
2- A história de Zezé	Zezé, fiel da igreja pentecostal “Casa de Oração Jesus é o General”, narra suas agruras e dores. Mãe, esposa, negra, tinha pensado em se separar, mas, dizia, para onde ir?
3- Os primeiros 3 meses A história de Veronilsoin	Homem negro, jovem, trabalhador braçal, iletrado, reivindica ao pastor, o aprendizado das letras. Aula de alfabetização no pequeno templo: crianças, adultos, cadernos, lápis, quadro e giz, palavras simples soletradas, bíblia. Mulheres fiéis, Noêmia, Rizoneide, Zezé falam sobre seu sofrimento, de Deus, das misérias, da força religiosa.

4- A missionária - O Espírito Santo se manifesta	História de D. Noêmia, a curadora ou xamã pentecostal. O culto pentecostal, carregado de emoção, manifestações corporais e linguísticas de êxtase religioso, a magia pentecostal, profetismo pentecostal.
5- Carolina, estudante - Os 3 meses seguintes	Fiéis, reza do salmo 91, sucessão de cenas com mulheres evangélicas, planos de expansão da igreja.
7- A história de Carmen	Carmen, revoltada com médico, orgulha-se de não querer mais recorrer a eles. Magia pentecostal: cura e milagres.
8- Jardim Espírito Santo	O pastor tem uma revelação, dois anjos mostram onde Deus quer um novo templo, uma filial da igreja, em outra área de ocupação clandestina.
9- A história de Rizioneide	Paraibana, afro-índia, Rizioneide conta sua história. Rezas do salmo 91. Aparece na cena, de relance, um assassinato em frente à igreja.
10- Os último 3 meses e Dia do Batismo	Finalização do templo e expansão para outras áreas. Reorganização da vida social Pintura da fachada do templo COJÉOG – <i>Casa de Oração Jesus é o General</i> . Ritual de batismo nas águas. Missão em vagões de trem.

Fonte: autoria própria, 2021.

Desde seu lançamento, o documentário foi objeto de análises, textos, exposições, debates e conversas. Ele é frequentemente citado entre estudiosos com algum grau de afinidade com o mundo evangélico pentecostal (DA COSTA; COZZER, 2020). No filme-documentário, surge o cotidiano de uma comunidade pentecostal no meio do processo de avanço neoliberal, desmonte das políticas públicas saneamento, educação, saúde, emprego e transferência de renda e riqueza, que segue em curso. Miséria, desemprego, trabalho informal, analfabetismo, religiosidade emocional-racional surgem nas cenas. Os atores são os próprios moradores, pobres, negros ou pardos, trabalhadores braçais, imensamente sofridos, mas esperançosos. Homens e mulheres dignos que lutam duramente para estabilizar suas famílias, subjetividades e laços sociais. Do documentário, destacarei cenas, a elas atribuirei um número como procedimento didático e explorarei o contexto sob uma metodologia crítico-social.

Cena 01. Casal de idosos aposentados, Maria Noêmia, missionária evangélica, e seu marido, à porta de seu barraco precário. Ela, sem os dentes superiores, canta: “Nesse mundo tem tristeza e muita tribulação, meu amigo, aceita Cristo, é a salvação” (SANTA CRUZ, 2000, 1m.40s.). Corta. Aparece o templo em construção. Adiante, ouve-se a dona de um boneto pouco frequentado. A abstinência de jogos, bebida e fumo dos convertidos trouxe queda nas vendas de alguns produtos. “Tirando o problema de se vender o que não se deve” [referência velada ao tráfico de drogas], diz ela, “é um bom lugar de se viver” (SANTA CRUZ, 2000, 3m.41s.). Um bom lugar: sem saneamento básico, lama, pobreza, miséria, fome, mas é bom, afinal, por quais motivos? Deixo em aberto para futuras conversas. No documentário, mais destaque é dado ao Antigo do que ao

Novo Testamento. O Salmo 91 é falado o tempo todo. Há uma breve menção ao Salmo 23 e ao Evangelho de Lucas. Na tradução Almeida, o Salmo traz algumas chaves de compreensão:

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei. **Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciosa.** Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel. Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia, nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia. **Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti.** Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios. Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação. **Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.** Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra. **Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente.** Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome. Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei. Fartá-lo-ei com longura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação⁶ (destaque meus).

Rezado no documentário para salvação da pobreza, desemprego, perigo, doença, é ponte para a alfabetização, sua letra é apropriada em sentido mágico-protetor e reforça o sentimento de pertença a uma comunidade eleita, divinamente protegida de tudo (desemprego, violência, doença). São os santos, a seita que deve ser expandida, pois seria a “vontade de Deus”. Há testemunhos apaixonados de retidão: num culto, uma fiel testemunha emocionada que mandou desligar um gato (ligação ilegal de luz elétrica), apesar das imensas dificuldades (sem dinheiro) com a Light, empresa surgida com a privatização selvagem dos serviços públicos e que tem problemas frequentes ao prestar serviços.

Na cena 02, a história de Zezé. Empregada doméstica negra, sem dentes superiores e alguns inferiores, casada, mãe de três filhos um deles com severa deficiência, reclamou do marido, ele bebia muito, e da falta de apoio dos familiares. Pensou em separar-se. Ir para onde, se perguntou e disse, “isso foi o motivo de eu me

⁶ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/91> Acesso em: 12 nov. 2021.

aproximar e me aproximando da igreja” (SANTA CRUZ, 2000, 6m.35s.). Subtende-se aí, a cruel violência doméstica e de gênero. Conheceu a igreja, o marido se converteu, apaziguaram-se os conflitos. Segue uma sequência: fiéis e pastor rezando o salmo 91.

Em seguida, na cena 03, uma aula noturna no templo. Adultos e crianças soletrando. Cadernos, lápis, quadro. Diz o pastor Jamil: “essa aula [...] nós criamos através do Veronilson [...] porque ele está com dificuldades lá [...] no trabalho dele, precisava de aprender um pouco e colocamos. Vê que tem muitas pessoas ali que estão vindo é, justamente para dar um apoio a ele, pra ele nesse momento” (SANTA CRUZ, 2000, 7m.59s.-8m.06 s.). Seguem-se cenas das rotinas dos moradores.

Na cena 04, o pastor apresenta a missionária, “a nossa irmã Maria Noêmia, ela é a missionária e ela é enviada por Deus para fazer a obra, e como ela está aqui hoje, daqui um tempo ela pode estar em outra cidade, abrindo obra [...] o crescimento da obra” (SANTA CRUZ, 2000, 10m.50s.). Não é o pastor que a envia, mas Deus... [ironia]. A condição de aposentada com proventos fixos, facilita a migração voluntária. Contraste essa situação com a crítica de Michel Foucault (2014) ao poder pastoral. D. Noêmia e seu marido, sempre em silêncio, estão na frente do humilde barraco. Cercas de pau, terra batida, sandálias de dedo, saia comprida, um pouco mais colorida. Vida sofrida, em vias de desenvolver dependência alcoólica, se diz convertida e se oferece em missão de curar:

eu fico aqui né, todos dia estou aqui né, é hora que as pessoa vêm me pedindo oração e eu oro, às vez é emprego, tá desempregado, pede para orar, pra Jesus abri as portas (sic) [...] a pessoa está enfermo e eu oro para Deus cura as pessoa. Nós trabalhamos de graça pra Jesus né, porque ele deu pra nós esse dom de graça (sic) (SANTA CRUZ, 2000, 11m.25s.-11m.31 s.)

A sensação de poder é vivida como dom, missão e posta a serviço da própria multiplicação do *modus vivendi* pentecostal. Na cena seguinte, D. Noêmia diz, “Ô glória, aleluia Jesus, amém”. O pastor, conduz a equipe de filmagem, mostra-se uma cena da oração de cura. A missionária afirma com alegria e orgulho: “As pessoas vêm uma com enfermidade, eu oro e eles saem dizendo que já tá curados” (SANTA CRUZ, 2000. 11m.54-58s.). As mãos da missionária repousam sobre uma mulher, uma delas no coração e outra sobre os ombros: “manto de mistério”, ela reza com emoção e, em seguida, ouvem-se sons estranhos, dançantes, harmoniosas na melodia, vogais

prolongadas, consoantes guturais profundas, repetidas ou estaladas entre a língua e o céu da boca – palato ou abóbada palatina, numa bela imagem literário-científica, sílabas sem sintaxe ou semântica, não formam frases racionais. Saem da boca desdentada com fluidez, entrecortadas por frases em português. É a glossolalia, ou oração em línguas, língua dos anjos no dizer mítico-simbólico da religião vivida, um dos símbolos do pentecostalismo evangélico e católico. Ocorre aí, mas também em todas as cenas, uma mediação simbólica complexa entre a realidade imediata do corpo, da necessidade físico-emocional, da desigualdade social, da subjetividade e das condições de vida, mente e razão. Trabalho, missão e vocação se confundem e são doados à igreja.

Ressalto mais três cenas. Na cena 05, Irmã Zezé, sentada, atrás de si, a rua de terra. Bíblia no colo:

Quando eu tô preocupada com alguma coisa, quando alguma coisa, quero alguma coisa, olho meu armário, está vazio ou então **quero uma fralda, meu filho está sem fralda, eu olho a bundinha dele, tá toda assadinha**, né? Não tenho fralda pro meu filho, o que vou fazer? Aí eu geralmente eu corro muito nesse salmo [salmo 91]. Quando você estiver assim com algum problema também de angústia de aflição, estiver se sentindo atormentado [...] (SANTA CRUZ, 2000, 14m.0s-15m, destaque meu).

Provavelmente, ela se refere ao filho com severa deficiência, obrigado a usar fraldas. A Irmã Zezé responde com um sorriso, à violência inaudita perpetrada: ausência de políticas sociais e amparo. Ela busca na relação religioso-mágica, uma forma de sobreviver melhor. Paulo Freire (2018) falaria de uma consciência imediata a ser problematizada por uma educação não-bancária, mas sem a ideia de depositar ou inculcar na cabeça dos outros (anti-dialogicidade), a consciência crítica, que não pode ser senão construída em conversa coletiva, a partir da problematização do que se vive de imediato e com os próprios desenraizados: por que falta a fralda⁷?

Na cena seguinte, a efervescência de um culto pentecostal. O pequeno templo e os rústicos bancos de madeira explodem com aleluias, cantos, glossolalia. Jovens, homens, mulheres, choro, tudo junto, misturado, ritualizado. Chama, atenção, no

⁷ É possível lembrar aqui um fato correlato: o Governo Bolsonaro, governo anti-mulher, vetou em outubro de 2021, um projeto no Congresso que previa uma política de distribuição combate à pobreza menstrual. O projeto previa verbas, ação em escolas públicas para mulheres de baixa renda, dentre outros aspectos importantes. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2021/10/07/veto-de-bolsonaro-a-distribuicao-de-absorventes-expoe-pobreza-menstrual-entenda-o-conceito-e-o-que-esta-em-jogo.ghtml> Acesso em: 09 nov. 2021.

entanto, o profetismo pentecostal. Uma canção ao fundo (“tu me comprastes sobre a cruz”) e o balbucio pentecostal coletivo. A câmara transita o foco: sai da assembleia e, *close-up* em uma mulher que acabou de se levantar, cabelos grisalhos, óculos, negra, meia-idade, olhos fechados, voz alta, gritando: “Não se preocupe mais! Sou eu que estou contigo! [trecho em glossolalia] eis que a minha graça e a minha paz vos basta” (sic) [trecho em glossolalia]. Durante a profecia, ela bate o pé e ao terminar, bate as palmas com força uma vez e assenta-se junto aos demais. (SANTA CRUZ, 2000, p. 18m.55s.-17m.12s.). A voz da profecia, é a da divindade que age como protetora e usa corpo/voz da fiel para dar a ver e ouvir, sua presença viva (incorporação divina).

Na Cena 07, Irmã Carmen senta-se no banco do pequeno templo e afirma:

Para ser cristã, tem que pagar um preço muito caro e tem muita gente disposta a não pagar. A casa do Senhor está cheia de crentes. Mas cristãos, você pode contar nos dedos... porque nós temos que abrir mão do mundo, das vaidades, abrir mão do mundo lá fora [...] **nós somos luz do mundo [...]** **nós temos que mostrar para o povo lá fora que nós somos essenciais, porque nós somos filhos do rei.** (SANTA CRUZ, 2000, 27m.) (destaque meu)

Carmen diz ter tido um esporão no pé e alega ter sido desenganada pelos médicos. Eles disseram não ter cura. Mas, ela não disse se esses médicos do mundo falaram sobre tratamento ou alívio: “E então eu falei para o homem realmente não tem cura, mas para o Deus que eu sirvo, já estou curada, porque tudo isso é para honra e glória do meu Senhor, para ser exaltado e glorificado” (SANTA CRUZ, 2000, 27m.55s.). E afirma com convicção: “eu não pretendo voltar ao médico”. É amparada por uma outra fiel mais jovem, manca e anda com dificuldade (SANTA CRUZ, 2000, 28m.10s.-28m.41s./29m.40s.-29m.43s.). Essa irmã afirma que sairia curada quando chegar a hora de seu batismo nas águas. Um tremendo orgulho da ignorância, formação defensiva, narcisismo individualista-reacionário, o que mais poderia explicar, são questões abertas. Sentir orgulho, ira e sentimentos em chave psicopolítica não é o problema (SLOTTERDIJK, 2012). É problemática, no entanto, a forma como emergem os efeitos não-intencionais dessa organização psicopolítica e sem o crivo da crítica social e autocrítica coletiva e democrática. A reprodução orgulhosa desse comportamento anti-mundo, pode ajudar a entender um dado: os setores religiosos que mais questionam, manifestam dificuldades ou rejeitam o uso de máscaras e vacinas desde a eclosão da COVID-19, são

os reacionários cristãos, o mundo evangélico. Claro, há exceções, mas, esse universo é um dos mais afetados pelo negacionismo científico⁸. Há também abordagens críticas e compreensivas oriundas de analistas acadêmico-científicos, alguns deles próximos a esse mundo religioso (ALENCAR, 2018; CUNHA, 2021). No média-metragem, quando o filho de Rizioneide, dona-de-casa migrante (paraibana), teve de ser internado num hospital público para tratar de uma pneumonia. Não mais adiantavam as glossolalias. Aparece, apenas uma vez, a estrutura de direitos sociais coletivos.

No documentário, se veem cenas da humilde coleta de dízimo e ofertas, dados com extrema fidelidade, uma obrigação moral – dom e contra-dom, numa lógica antropológica – para o sustento da comunidade. Chamam atenção no documentário a expansão para outras zonas de ocupação clandestina (o pastor planeja uma filial) e o orgulho da Irmã Zezé ao apontar as ruas e mostrar as casas das(os) convertidas(os) e como isso trouxe maior valorização, ordem e especulação (SANTA CRUZ, 2000, 44m.-45m.). Os terrenos e casas vendidos num preço bem baixo passaram a ser muito mais...

Tráfico de drogas e assassinatos estão longe, em entrelinhas. Após um culto noturno, aparece ao longe um corpo coberto por um tecido, uma vela acesa ao lado, consternação das pessoas, burburinho. Um jovem foi assassinado em frente à igreja (SANTA CRUZ, 2000, 38m.36s.). Em seguida, no pequeno templo, as janelas de madeira improvisada estão abertas e, sob luz amarela bruxuleante e pervadido pelo som do coaxar de sapos, o pastor Jamil reza o Salmo 23: “Ainda que andes pelo vale da sombra da morte...”. Corto o resto da frase. Não se estava ainda sob o domínio mortal das milícias e de traficantes, em associação com os poderes estatais de segurança. Muito dessa gente se diz convertida, assume identidade evangélica e proíbe manifestações afro-brasileiras em territórios dominados e conflagrados por disputas violentas (CUNHA, 2014). Vendem-se serviços, como segurança, que deveria ser pública, e a partir da extorsão, explora-se gás, Internet e mercado imobiliário, tudo ilegal, mas tolerado pelo Estado. Os que se opõem, são ameaçados de morte ou assassinados, precisam se mudar, ou ficam calados por medo ou fazem parte dessas engrenagens. Retorno ao final de

⁸ É preciso nomear as minorias, olhar para elas e suas lutas por justiça social dentro do mundo evangélico, por exemplo, coletivos de mulheres evangélicas no Movimento dos Sem-Terra. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/quando-a-fe-encontra-a-luta-as-vozes-das-mulheres-evangelicas-do-mst-parte-4/> Acesso em: 12 nov. 2021. Outro exemplo, a Rede de Mulheres Negras Evangélicas.

Santa Cruz, o batismo nas águas. Homens e mulheres, em sua maioria absoluta, vestem-se de batas brancas e descem a um riacho. Emoção, choro. São mergulhadas pelo pastor e ajudantes. A Irmã Carmen desce ao rio com dificuldade de andar, é batizada, pula arrebatada dentro da água amparada, sai confiante, acerta o passo cambeta com que vinha andando desde as cenas anteriores, pisa no chão com força. Na cena final, os evangélicos pregam e oram em um vagão de trem. À frente deles, a Irmã Carmen.

POR CIMA, PARALELAS; EMBAIXO, MALHA APERTADA

No Brasil, os obstáculos à cultura letrada são muitos: o analfabetismo funcional, o analfabetismo cultural, o analfabetismo político. Ainda assim, *Pedagogia do Oprimido* espalhou-se, tem sido lido e relido, irrigado concepções e práticas de transformação social, tem criado imagens de mundo mais generosas e radicais (ir à raiz dos problemas sociais). Por outro lado, no cinema, a sétima-arte, o filme, e especificamente, o documentário, exerce um papel fundamental como instrumento de compreensão e imaginação. No livro, um sem-número de rostos, intelectos, afetos, ideias e vidas dialogaram com Paulo Freire. O filósofo pernambucano costumava conversar com muitas pessoas oriundas de universos socioculturais bem distintos, doutores e operários, religiosos católicos e protestantes, camponeses e classe média, e, ao cabo, escrevia.

No documentário, são eles os retratados, ou uma parte deles. Eles eram algo em torno de 2% nos anos 1960. Nos anos 2010, último Censo Nacional, eram 22%, e nas mais recentes projeções de 2019, são mais de 35% da população brasileira. Divididos entre muitas famílias espirituais-religiosas – históricas de migração e de missão, sem-denominação, pentecostais e neopentecostais, – concentram-se, entretanto, nas duas últimas, mais de 50% desse imenso contingente de evangélicos espalhados Brasil. Eles ocupam espaços políticos, sociais, econômicos, culturais e públicos em escala nacional, regional e municipal. Por outro lado, os desdobramentos da expansão pentecostal e neopentecostal, são infindos e têm sido analisados extensamente. Uma riqueza metodológica e hermenêutica se faz presente nos muitos de estudos sobre o mundo evangélico e suas pluralidades e não-pluralidade: dos métodos etnográficos e empíricos variados (clássicos, pós-modernos, virtuais) aos sociológicos e históricos estruturais; da

geografia às ciências cognitivas, da psicologia à ciência da religião. Ora exaltam-se as diversidade e utopias igualitárias, aumentadas com lentes românticas, ora detratam-se as profundas raízes reacionárias, autoritárias e sectárias com cores pessimistas. Ora enfatizam-se as principais lideranças que com suas vozes e presenças em meios midiáticos, consumistas, classemedianos urbanos, financeiros e políticos abafam outras vozes periféricas, ora a ênfase é dada aos anônimos evangélicos em organização coletiva com louvores coreografados, ou nos cultos dentro de becos violentos e miseráveis, garagens e quintais, ruas esburacadas. Análises romântico-fenomenológicas, às vezes oriundas de teólogos, alguns pentecostais, e cientistas da religião, dificultam a compreensão do que isso significa em perspectivas mais críticos-sociais e não menos importantes.

Salta à vista a descontinuidade desse arcabouço teórico quando comparado às obras *Pedagogia do Oprimido* e *Ação cultural para liberdade* (FREIRE, 2018; 1981) e com a conjuntura político-religiosa contemporânea regada pela combinação entre as concepções de cristandade católica, teologia da prosperidade pentecostal e predestinação calvinista (MELO E SILVA JR., 2021) e a ascensão de doutrinas neoliberais combinadas com os novos estágios do capitalismo financeiro-midiático (GHIRALDELLI, 2021). Numa visão romântica, haveria e curso uma verdadeira utopia religiosa, pois engendraria, de alguma forma, bem-estar para populações desassistidas de políticas públicas, deserdadas da riqueza nacional concentrada e desigualmente distribuída.

Mas, a romantização advém da não caracterização qualitativo-crítica do que seja alfabetização, saúde e comportamentos gerados por essa comunidade crente para dar respostas a uma vida de extrema penúria, ao desespero e à esperança de sobreviver ao caos socioeconômicas e existencial. Em continuidade, retomo o termo *seita*, criticado por supostamente apresentar uma caricatura ruim de movimentos religiosos em geral, e dos evangélicos em particular. Sua semântica social pode ser relida. Mudo, então, o que entendo por caricatura e tipo-ideal, e os recoloco como instrumentos para melhor compreender complexas realidades. A caricatura como acentuação de traços reais para frisar contornos ou silhuetas de algo, alguém ou situação, pode ter como resultado a sátira, o deboche ou a poderosa imagem desconcertante, provocadora de reflexões. É esta última a que me interessa, e dou esse passo metodológico, cujas raízes weberianas ressalto. Não estou sozinho na empreitada, mas tomo assento sobre os ombros de

gigantes, Max Weber (2002) e Ernest Troeltsch (1987). O segundo passo metodológico segue: sair do conceito em si – evangélico, seita, oprimido e os mais – para aquilo que ele pretende apontar, o comportamento ou prática. Os tipos-ideais não são ontologias, mas instrumentos para entender realidades fugidias, multidimensionais e cheias de infinitos possíveis pontos de conexão e desconexão. Dentro do vasto universo do real, elegem-se algumas ideias, exploram-se se há conexões entre elas, analisa-se se essa afinidade eletiva é forte ou fraca com base em indícios empírico-históricos e concretos (tipo empírico) e se constrói um tipo-ideal, que sempre será provisório (WEBER, 2016). O tipo ideal-abstrato não coincide com o tipo empírico-concreto, embora possa ocorrer a coincidência. Dos muitos relevos, ressalto a seguinte silhueta típico-ideal do mundo evangélico hegemônico na contemporaneidade: reacionária, intolerante, moralista ao extremo, em parte libertária à direita (*libertarian*), em parte pastoril e dócil servidora. Nessa face, estampa-se o orgulho da ignorância, ostentado como marca de eleição (povo santo, escolhido), rigidez de concepção moral, rebeldia juvenil-hormonal e individual contra leis e normas julgadas ímpias, iníquas ou injustas (antivacina) e seguimento incontestado de pastores e líderes midiáticos evangélicos.

Na contraface minoritária, vemos o oposto dessas características, estudadas de muitas formas, com muitos métodos e longamente, mas são exceção, sem poder de fogo financeiro, político e midiático (NOVAES, 1985). A maior parte do crescimento evangélico e seu poderio no espaço público provém do motor pentecostal e neopentecostal e se espraia por toda política e educação brasileiras e, por sua vez, entra em interação – choque, combate, assimilação e concorrência – com as matrizes religiosas católica, afro-brasileira e indígena, por um lado, e as matrizes autoritárias, conservadoras e libertárias oriundas da direita política e do neoliberalismo, por outro.

Na educação pública fundamental, por exemplo, cresce o contingente de professoras evangélicas e se agigantam as crises educacionais, fruto de crises sociais e econômicas. Como essas professoras leem o mundo e levam as crianças a lerem o mundo? Como fazem para aplicar legislações federais que preconizam, por exemplo, o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena com seus personagens, os orixás (Exu), os encantados, Tupã (Tupi-Guarani), que essas vertentes pentecostais enxergam como o Diabo? A leitura literal-mágica aplicada à Bíblia - uma biblioteca plural, vasta, metáfora pura, cheia de gêneros textuais, poesia erótica, cantos, reflexões

filosóficas, poéticas, morais, fatos e processos históricos complexos, questões profundas de justiça social -, é ruim e perpetua uma educação bancária, piorada pelo literalismo religioso. Uma leitura do *Pedagogia do Oprimido* implica na crítica da qualidade da alfabetização social que o média-metragem apresenta.

André Corten (1996), recoloca questões que vieram à baila a partir de um poderoso conjunto de fatores que vai da construção de bancadas religiosas na Assembleia Nacional Constituinte (1986-1988) e uma frente parlamentar evangélica nacional (2003) à ininterrupta ascensão midiática e política de igrejas e líderes evangélicos pentecostais e neopentecostais. Corten (1996) fala das múltiplas faces do pentecostalismo, utopia de igualdade, de amor e emoção, por um lado, mas, por outro, arrogância e autoritarismo. Com isso, ele corrói o pedestal das categorias políticas. Amor e igualdade entre os eleitos e convertidos... aos que não o são, não, ou se dobram à evangelização, ou são combatidos, pois são agentes do mundo ou do diabo, a mesma coisa para esse discurso: “Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno”, uma famosa expressão bíblia sempre citada (BÍBLIA, N.T., I Carta de João, 5, 19). Ou seja, a seita é a antipolítica dos pobres (CORTEN 1996). Quanto à emoção essa talvez seja similar, mas em chave trocada, amor para e entre os eleitos, desprezo ou piedade aos não-conversos. A reprodução desse movimento religioso no espaço público, é instrumentalizada por grandes igrejas-empresas e transformada em ação junto ao Estado e sociedade. Os governos, em geral, desde a redemocratização de 1985, foram seus aliados. Os de esquerda (Lula, Dilma, do PT) trouxeram incômodos pactuantes para dentro da coalização política. Em troca do apoio eleitoral, aliaram-se a grupos e líderes como o Pastor Malafaia, Bispo Macedo, Apóstolo Valdomiro Santiago, R. R. Soares e demais para angariar votos nas eleições e, em troca, barganhar concessões de rádio e TV, verbas para comunidades religiosas terapêuticas dentre outras. Com isso, criou-se o mito de que “não se vence eleição sem apoio evangélico”, especificamente, os ligados aos grupos que são, de certa forma, desdobramento do fogo pentecostal. Para os governos de esquerda (2002-2015), isso significou paralisia ou dificuldade de implantar pautas históricas – descriminalização do aborto, política antidrogas não-punitivista, reforma agrária, casamento homoafetivo, reforma tributária progressiva, auditoria da dívida, dentre outras. Todavia, ressalto que esse processo, eleitoral e representativo, é diferente daquele que, consentido e pactuado pelo Estado

Republicano, permitiu a presença das igrejas cristãs (católica e evangélicas) nas áreas de educação, saúde, assistência social. (MONTERO, 2009). E acrescento, mas também, a dos espíritas e, em grau muito menor, a dos afro-brasileiros.

Numa leitura weberiana, *Santa Cruz* apresenta o sectarismo orgulhoso na chave ascética da rejeição e fuga do mundo. Busca-se com paixão, um comportamento disciplinado: da subjetividade (palavras e expressões), às roupas formais (cores pouco coloridas, cinza, preta, marrom, creme, paletó e gravata, para homens, saias e meias longas para mulheres). Se vê uma identidade moderna, exclusivista, centrada no indivíduo e sua relação pessoal com Deus e com a comunidade dos eleitos (seita), racional por um lado (alfabetização, construção do templo, divisão de tarefas do trabalho religioso), mas, por outro, cheia de concepções mágico-curativas-emocionais oriundas de heranças católico-afro-indígenas: incorporações de Deus, sacudimentos e danças, choros, orações de cura, transe e êxtase (glossolalia). Parece um desencontro e um reencontro com nossas matrizes socioculturais, uma mistura de temporalidades distintas, ou, para trazer à nossa conversa, um seminal texto de Pierre Sanchis (1997), a presença dos vetores pré-moderno, moderno e pós-moderno.

Muitos insistem nas diferenças entre os pentecostais autônomos e periféricos, como os que surgiram no documentário, e os neopentecostais midiáticos e políticos. Se há diferenças, há também continuidades. Contraste a realidade da pequena comunidade do templo *Jesus é o General* com a postura de igrejas evangélicas midiático-empresariais, como algumas Assembleias de Deus (as lideradas pelo pastor Malafaia e pelo deputado-pastor Marco Feliciano), Igreja Mundial do Poder de Deus, IURD, dentre outras, devedoras de milhões de reais ao fisco brasileiro⁹, embora os líderes cavalguem fortunas. São igrejas hegemônicas e se apresentam como porta-vozes do mundo evangélico como um todo, o que fragiliza as dissidências e as vozes críticas.

⁹ As igrejas não pagam impostos, mas quando atuam como se fossem empresas ou quando deixam de recolher direitos de seus funcionários contratados, como FGTS e INSS, são multadas e passam a dever ao fisco. Um grupo de 16 entidades religiosas evangélicas em sua maioria deve R\$ 1,6 bilhão em impostos, segundo levantamento da PGFN (Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional). O volume de débitos representa 81% de todas as dívidas de 9.230 instituições evangélicas, católicas, espíritas e islâmicas devedoras em todo o país. A maioria é aliada do Governo Bolsonaro. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/28/lista-dividas-impostos-igrejas-concentracao-80-pfgn-receita-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 12 nov. 2021.

O trabalho gratuito que às vezes se tende a ver com bons olhos no documentário, se de um lado é doado, por outro, gera um efeito social não-intencional se visto de cima e em termos estruturais, a formidável acumulação de capital (financeiro e social) para as igrejas e seus pastores. O dízimo e as ofertas no contexto do discurso da prosperidade, são colhidos de todas as formas, em *cash*, por aplicativos eletrônicos e máquinas de cartão (crédito/débito) e torna algumas igrejas evangélicas, poderosas máquinas financeiras, midiáticas e doadora de votos. Elas não prestam contas públicas desse dinheiro e sua movimentação, o controle interno dos fiéis é frágil, não-autônomo e dependente da figura do pastor ou bispo. Isso completa um cenário que interfere negativamente, por exemplo, na laicidade do Estado.

As distinções são necessárias, mas não podem seccionar a realidade de forma inconsequente, como se fossem partes alheias e não-comunicantes entre si. Linhas gerais incômodas atravessam esses campos. De um desdobramento ao outro, o sentimento de seita se transforma. O lema “nos convertemos, somos eleitos e salvos por Deus, andamos na retidão, batemos em retirada do mundo vil e corrupto” se transforma em “Nós, os eleitos, fomos escolhidos/ordenados por Deus para governar o Estado e a sociedade e salvá-los da do mal e, por isso, importa usar qualquer instrumento”. Entre a oração milagrosa de cura vista no documentário e Valdemiro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, vendendo feijões mágicos que, segundo ele, curariam a COVID-19, há uma incômoda continuidade. Sabe-se que feijões mágicos, chás e remédios como cloroquina e ivermectina não curam o novo coronavírus e que é preciso medidas sanitárias (máscaras, vacinas), afastamento, testagem e controle e políticas sociais e econômicas para amenizar impactos e *lockdowns*.

O negacionismo científico, a defesa de remédios ineficazes para a COVID-19, a disseminação de teorias da conspiração sem fundamento é forte no meio evangélico, e outros meios religiosos e sociais, com exceções e reações vigorosas¹⁰. Por isso, fazer tangentes entre o universo de sentido, sintaxe e semântica exarado das duas obras, é importante. Destaco a longa atuação de Freire, dez anos na Suíça, após a publicação do *Pedagogia do Oprimido*, como consultor especial do CMI, Conselho Mundial de Igrejas.

¹⁰ As redes sociais, concentradas em algumas grandes empresas como o Facebook, dão guarida ao comportamento que dissemina informações falsas em escala industrial. Há gente paga para isso também.

Órgão criado em 1948, após a Segunda Guerra Mundial,¹¹ reúne igrejas cristãs (Luterana, Anglicanas, Ortodoxas e outras) em uma atuação global pelos direitos humanos, justiça social, ecumenismo e paz entre os povos. Há pouca participação de igrejas pentecostais, como as que se podem ver no documentário, e das neopentecostais. A proximidade de Paulo Freire com a Teologia da Libertação, uma corrente de ideias e práticas religiosas que surgiu nos anos 1960, atingiu o auge em 1980 e entrou em minoria após os anos 2000 cujo ponto essencial é a luta por justiça e igualdade social em favor dos mais pobres e marginalizados e reúne evangélicos (alguns presbiterianos, luteranos, metodistas, batistas) e católicos. Grupos, coletivos e pessoas embebidos com uma perspectiva de igualdade social e luta por direitos sociais e humanos, são minoritários: teólogos, bispos, padres e religiosas católicas, pastores e pastoras evangélicos e leigos que se espraiam em cidades, regiões, paróquias, templos e mídias sociais. As pautas de luta dessa brava gente são antigas e novas: reforma agrária, direitos dos indígenas à sua cultura-terra, redistribuição de riqueza, economia solidária, direitos reprodutivos femininos (aborto legal e descriminalização), combate à violência doméstica e de gênero, minorias sociais (negros e LGBTQIA+), laicidade do Estado. (WEISS, 2010). Ainda é pouca a presença dessa vertente de ação entre pentecostais e menos ainda entre neopentecostais.

Toda ordem de mundo é consonante com uma visão de mundo e traz embutida, naturalizações, restrições, censuras, violências ocultas. Eis a crítica de Jürgen Habermas (1987) à hermenêutica gadameriana: o processo de interpretar, se é social, historicamente condicionado, infundável e permanente (círculo hermenêutico entre partes e todos, eles mesmas provisórios e refeitos ao longo dos processos interpretativos), não deixa, por outro lado, de ser marcado pelo poder socioeconômico, pelas violências simbólicas ocultas e irrigadas por relações de poder pouco democráticas presentes em igrejas, partidos políticos e sociedade. Por essa percepção, se vê um detalhe pouco observado no média-metragem, a falta de dentes. Os desdentados evangélicos das comunidades carentes assim continuam. Corta... *Close-up* no pastor deputado paulista Marco Feliciano. Ele alegou bruxismo e gastou junto a Câmara Federal, 157 mil reais para tratamento dentário. Mas era pura estética. O partido no

¹¹ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582145-70-anos-do-conselho-mundial-de-igrejas-cmi> Acesso em: 12 nov. 2021.

qual se filiou, o expulsou após a imprensa revelar o desperdício de dinheiro público.¹² A carência de saúde bucal indica sérios problemas sociais e sanitários acumulados por nossa história social. Atingem milhões de brasileiros em grandes e pequenas periferias urbanas e rurais e indicam a extrema violência de nossa ordem social. Todavia, dessas bocas emergem as aleluias, améns, gritos místicos, a liturgia de intensa participação emocional e coletiva, por um lado, e, por outro, os laços de cuidado coletivo. Mas, as análises, algumas delas na Ciência da Religião e Teologia, têm naturalizado esses e outros sérios problemas socio-estruturais. Quando eles são abordados, são postos em chave moralizante-individual e voluntarista, transferindo responsabilidade aos indivíduos e seu contexto imediato, em consonância com o primado da visão de mundo hegemônica, o neoliberalismo. Sua chave hermenêutica é a responsabilização do agente, criando uma leitura anticrítica e beirando o fascismo (enquanto modo de pensamento)¹³.

Mas, ao atuarem sobre o mundo, essas comunidades religiosas dividem-no entre eleitos e escolhidos, não-escolhidos e não-eleitos, sendo os últimos, coitados, sem direção, e os primeiros, aqueles abençoados, curados, felizes e com a verdadeira direção. Ressurge a seita ou sectarização, que é da ordem do mito, como afirma Paulo Freire (2018). Não à toa, a literatura acadêmico-científica associou processos socioeconômicos violentos, desiguais, de cunho capitalista extrativista ou industrial e agora, financeiro, nos mundos ocidentais periféricos, à expansão dos pentecostais e neopentecostais. Essa ligação, apontada a bastante tempo, é sólida, embora sejam necessárias novas leituras em consonância com o *modus vivendi* midiático, performático e de subjetividade maquínica do atual modo de produção da vida social (D'EPINAY, 1968; SOUZA, 1969). Observo que o profetismo pentecostal referido no documentário é peculiar: Deus usa corpo e voz, se corporaliza. Eles incorporam, em êxtase, os ditames divinos, marcados por mensagens de proteção e benção, dadas mais aos eleitos que aos

¹² Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/podemos-expulsa-marco-feliciano-pelos-dentes-de-r-157-mil> Acesso em: 15 nov. 2021.

¹³ As leituras feitas por Jessé Souza (2019; 2018), por exemplo, as estruturas em movimento do capital e sociedade se reduzem à bel-vontade das elites burguesas como se estas fossem as condutoras consciente-autônomas dos processos sociais e dominassem o movimento do capital em suas mãos. Mas é ao contrário, é no movimento do capital que elites e classes dominantes são geradas e se embalam. Se elas são cruéis é porque o tipo de desenvolvimento do capital o é, favorecendo menos, elites mais preocupadas com justiça social.

“pobres pecadores que não aceitaram Jesus”, anunciam grandes feitos divinos, provações, tragédias ou a chegada de salvadores e messias. Um fenômeno correlato ocorre em processos que trazem em seu bojo, críticas sociais ao colonialismo e ao capitalismo, como aponta Lanternari (1974). Noutra perspectiva, *Ação Cultural para Liberdade* (FREIRE, 1981, p. 101) diz:

[...] **Nenhuma Igreja poderá ser realmente profética enquanto seja ‘refúgio das massas’ ou agência de modernização e de conservantismo [...]** A Igreja profética não ‘refugia’ as massas populares oprimidas, alienando-as mais ainda, com discursos falsamente denunciantes, porque simplesmente blá-blá-blantes. Convida-as, pelo contrário, a um novo Êxodo. A Igreja profética não é tampouco a que, modernizando-se, conserva, ‘estabiliza-se’, adapta-se. **Cristo não foi conservador.** A Igreja profética, tal qual Ele, tem de ser andarilha, viageira constante, morrendo sempre e sempre renascendo. Para ser, tem de estar sendo. Por isto mesmo é que **não há profetismo sem a assunção da existência como a tensão dramática entre passado e futuro, entre ficar e partir, entre dizer a palavra e o silêncio castrador**, entre ser e não ser, à qual nos referimos antes. **Não há profetismo sem risco.** (destaque meu).

Passaram-se anos, a sociedade brasileira seguiu desigual. Fome, concentração de renda e empobrecimento, no entanto, tiveram períodos de relativo alívio nos governos de esquerda (PT/2002-2015). Mas, não foram capazes esses governos, de reverter a desestruturação causada pelo capitalismo financeiro descontrolado, desorganizador que com o bolsonarismo e Bolsonaro, atingem o auge (SAAD FILHO; MORAIS, 2018; GHIRALDELLI, 2021). Infelizmente, em 2021, a grande imprensa noticiou famílias inteiras a comer lixo ou a comprar ossos. Mas, num café da manhã, o Ministro da Fazenda gasta centenas de reais. Infelizmente, o programa Bolsa Família, criado no governo Lula da Silva (2002-2010), exemplo de política social, tolerado pelos mercados financeiros, objeto de centenas de estudos econômicos e sociológicos, foi extinto e, em seu lugar, outro programa improvisado foi criado, mas moralizante, pois joga a culpa da pobreza no indivíduo. Um fato que condiz com a configuração de poder reacionário-neoliberal-cristã. Ler essa situação sem cair no moralismo banal (corrupção como fonte do mal), faz ver que as políticas públicas de transferência de riqueza e renda podem voltar com mais prioridade e que uma educação problematizadora é possível.

Seguimos em um regime neoliberal de gestão da vida que atinge seu auge na pandemia de COVID-19 (2020-?), doença biopolítica por excelência (GHIRALDELLI, 2021 b). A doença exige uma ação biopolítica crítico-social, numa chave paulofreiriana, arrisco-me a dizer. Por isso, na perspectiva do *Pedagogia do Oprimido*, não há situação social vivida no documentário que não possam ser passadas pelo crivo da educação problematizadora. Com essa educação, a consciência social da sociedade se ampliaria, e se questionaria, por exemplo, o tripe macroeconômico, base da política neoliberal (GHIRALDELLI, 2021). Do modo como foi gerido entre 1994 e 2021, esse tripé, somado ao teto de gastos públicos (2016), torna difícil combater a desigualdade social. O orçamento federal pago em 2020 girou em torno de 3,535 trilhões de reais, dos quais, aproximadamente, 39% (1 trilhão, 381 bilhões de reais) são gastos com juros e serviços da dívida pública, nunca investigada, debatida ou pactuada entre nós. Diz Fattorelli: “o modelo econômico [...] promove escassez de recursos [...] e concentração de renda [...] por meio de seus principais eixos: o modelo tributário regressivo; a política monetária suicida [...] o Sistema da Dívida e o modelo extrativista irresponsável para com as pessoas e o ambiente”¹⁴. Essa dívida poderia ser rearranjada, abrir espaço para investimentos e políticas públicas conversadas com a sociedade por meio de mecanismos de aplicação, controle e fiscalização transparentes e democráticos. Na perspectiva de uma educação problematizadora, se debateria coletivamente e publicamente para onde, quanto, de que maneiras e para quem uma parte dessa imensa riqueza produzida deve voltar sob a forma de políticas de reindustrialização, educação básica e superior, pesquisa científica, saúde, promoção de igualdade racial e de gênero, de agricultura familiar, ecologia, saneamento básico etc. Paulo Freire, assim como artistas, intelectuais, professores, sindicalistas, comunidades eclesiais de base, lideranças camponesas, operários etc., fundaram o PT (Partido dos Trabalhadores com muita esperança no futuro) em contraposição ao velho comunismo autoritário desgastado. Uma das bandeiras originais, dentre muitas, era a auditoria das dívidas, muitas assumidas no contexto da Ditadura Militar (1964-1985), intransparentes, sem prestação de contas.¹⁵ Talvez a lei de ferro, proposta pelo sociólogo weberiano Michels (1949)

¹⁴ Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/estamos-vivendo-no-avesso-do-brasil-que-merecemos-por-maria-lucia-fattorelli/> Acesso em: 12 nov. 2021.

¹⁵ Caberia crítica à desconexão entre as bandeiras iniciais, as correntes pluralistas do PT e a cúpula de ferro criada em torno de um grupo interno que empurra o partido para uma autossobrevivência a todo

poderia explicar como, na democracia moderna, organizações de massa, partidos e instituições democráticas, se oligarquizam internamente, separam-se de suas bases vivas, seccionam o pluralismo interno e, assim, fazem decair, a democracia participativa num processo que favorece o populismo messiânico de lideranças. Urge, de fato, uma educação problematizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas as obras acionam a sinédoque, poderosa figura de linguagem, e constroem tipos, o crente na periferia, o oprimido, a educação bancária, o profeta pentecostal, a educação problematizadora, a sectarização à esquerda e à direita. Os moradores pobres evangélicos do documentário se encontram na epígrafe do livro e constituem uma estranha religião em meio ao deserto de justiça social e dignidade de vida. O protagonismo dos moradores, pessoas simples, negras e pardas em sua maioria, evidencia a colossal tarefa de sobreviver em meio ao abandono social. *Santa Cruz* mostra como se produziram os meios sociais e simbólicos de sobrevivência dos esfarrapados evangélicos pentecostais e revelam os padrões valorativos característicos.

Na *Pedagogia do Oprimido*, o *profetismo* proposto é racional: migra-se da consciência imediata para a consciência político-crítica. Pobrezas, desenraizamentos, marginalização extrema, não são destino, natureza, castigo, ordem de divindade ou do cosmo ou resultado inalterável do sistema capitalista ou de uma elite cruel (moralismo), mas são construtos sociais e econômicos perpetuados por uma visão de mundo e práticas que podem ser mudadas por um trabalho coletivo, democrático, participativo, ombro a ombro. Mas o ajustamento individual de condutas e vidas que veem a nós na febre do empreendedorismo (sex-shops evangélicos, “eu interior”, coachs), dos aplicativos financeiros, do narcisismo da extrema-direita constituem, sob o crivo paulofreiriano, um ajuste conservador, pois deixa intocada, raízes de desamor e não-fraternidade social. Declamada em versos por perspectivas religiosas e sociais, a ideia de que a mudança individual interna, ou conversão na perspectiva evangélica,

custo. Isso o dispôs à aliança com o mercado financeiro, notadamente a partir de 2002, com a Carta aos Brasileiros, publicada por Lula da Silva. Henrique Meirelles, deputado do PSDB de Goiás, oriundo do mundo financeiro internacional, foi convidado e assumiu o banco Central.

muda a sociedade para melhor, é incapaz de superar a desigualdade social, étnica, sexual, econômica, regional. Ao contrário, essa prática-teoria pode mudar o mundo para pior e produzir efeitos sociais não-intencionais distintos da ideia inicial de seus agentes, visíveis em chave crítico-social: a especulação imobiliária, a mistura entre fé e crime nas milícias e no tráfico, o negacionismo científico e a intolerância para com as religiões afro-brasileiras e a ciência etc. Não se excluem, evidentemente, atitudes individuais para melhoria do mundo, por exemplo, a luta pelo meio-ambiente ao não mais comer carne, por exemplo. Mudanças sempre são misturas complexas do coletivo e do individual. Na fina ironia weberiana, ao jogar com as palavras de Paulo Apóstolo, “mas aqui a ascese era a força **‘que sempre quer o bem e sempre cria o mal’**” [...]. (WEBER, 2020, p. 134, destaque meu). O concreto limite do pensamento mágico-religioso nos constrange e questiona as abordagens românticas. São gemidos reais, na reflexão de Marx (1844), “expressão do sofrimento real e um protesto contra o sofrimento real [...] suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração e a alma de condições desalmadas”. Mas, o futuro está aberto. Como se expressou Max Weber (2020, p. 142), não se sabe se, ao fim da marcha do capitalismo, surgirão profetas novos ou se assistirá a um renascimento de ideais antigos, ou se haverá uma onda de petrificação e uma luta convulsa de todos contra todos e, nesse caso, aplica-se a frase “especialistas sem espírito, hedonistas sem coração”. Os ajustamentos, ou, para usar uma imagem teológica cristã, remendos novos em roupas esfarrapadas, não são revolucionários, segundo a linguagem do *Pedagogia do Oprimido*. Diante dos abismos de desigualdade racial, religiosa, de gênero, de riqueza, esses ajustes oferecem um enfrentamento provisório e insuficiente. Mas, “Se nada ficar destas páginas, algo pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um novo mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 2018, p. 475). É possível esperar e mudar radicalmente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, *Protestantismo tupiniquim*. Hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

BÍBLIA, N. T. I Carta de João. BÍBLIA. Português. Nova Tradução Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/1_joao_5_19/ Acesso em: 15 nov. 2021.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, Christina V. "Religião e criminalidade: traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 34, 1, p. 61-93, 2014.

CUNHA, Christina V. "Irmãos contra o Império: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no Brasil". *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, n. 39, p. 13-80, jan./jul. 2021

DA COSTA, Samuel. S. da C.; COZZER, Roney R. . "Religião, periferia e leitura popular da bíblia: uma análise do documentário Santa Cruz à luz da pneumagiologia pentecostal". *REPAS, Revista Protestantismo em Revista*, [S. l.], v. 5, n. 5, 2020. Disponível em: <https://www.revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/31>. Acesso em: 1 nov. 2021. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/3604>

D'EPINAY, Christian Lalive. *Refugio de las Masas*: estudio sociológico del protestantismo chileno. Chile: Editorial Del Pacifico, 1968

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Universidade Nove de Julho (UNINOVE); BigTime Editora/BT Acadêmica, 2018.

GHIRALDELLI Jr, Paulo. *As lições de Paulo Freire: filosofia, educação e política*. Barueri: Manole, 2012.

GHIRALDELLI Jr, Paulo. *República Brasileira: de Deodoro a Bolsonaro*. 2 ed. São Paulo: CEFA Editorial, 2021.

GHIRALDELLI Jr, Paulo. Os mortos, biopoder e imunização. In: GHIRALDELLI Jr, Paulo. *A Democracia de Bolsonaro, 2018-2020*. São Paulo: CEFA Editorial, 2021 b.

HABERMAS, Jürgen. *Dialética e Hermenêutica*. Para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Porto Alegre: L&MP, 1987.

LANTERNARI, Vittorio. *As religiões dos oprimidos*. Um estudo dos modernos cultos messiânicos, São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

MARX, Karl. *Texto: Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 1844. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm> Acesso em: 12 nov. 2021.

MARX, Karl. *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 1844. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm> Acesso em: 15 nov. 2021

MELO E SILVA JUNIOR, João. "Cristandade católica, teologia da prosperidade pentecostal e predestinação calvinista: elementos epistemológicos do cristofascismo bolsonarista". *Anais do CONGRESSO BRASILEIRO DE TEOLOGIA PASTORAL*. Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas. FAJE: Belo Horizonte,. 2021.

MICHELS, Robert. *Political Parties: a sociological study of the oligarchical tendencies of modern democracy*. New York: Free. 1949.

MONTERO, Paulo. "Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil". *Revista etnográfica*, Lisboa, maio de 2009, p.13, n. 1, p. 7-16.

NOVAES, Regina. *Os escolhidos de Deus*. Pentecostais, trabalhadores e cidadania. São Paulo: Editora Marco Zero, 1985

SAAD FILHO, Alfredo; MORAIS, Lecio. *Brasil. Neoliberalismo versus democracia*. São Paulo: Boitempo, 2018.

SANTA CRUZ. Direção de João Moreira Salles e Marcos Sá Correa. GLOBOSAT: Rio de Janeiro. 2000, 60 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d-PjHpahJzY&t=1031s> Acesso em: 15 nov. 2021.

SANCHIS, Pierre. "As religiões dos brasileiros". *Horizonte (Revista)*, Belo Horizonte, v. 1, n.2, p. 28-43, 1997.

SOUZA, Beatriz M. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. Front Cover. Beatriz Muniz de Souza. Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Jessé. *A Classe Média no espelho*. São Paulo: Estação Brasil- sextante, 2018.

SOUZA, Jessé. *A elite do Atraso: da escravidão a Bolsonaro*. 2. ed. São Paulo: Estação Brasil, 2018.

SLOTERDIJK, Peter. *Ira e tempo*. Ensaio político-psicológico. São Paulo: Estação Liberdade, 2021

TROELTSCH, Ernest. "Igreja e seitas". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 14. n. 33, 1987, p. 134-144.

WEBER, Max. "As seitas protestantes e o Espírito do Capitalismo". In: WEBER, Ma. *Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2002, p. 212-225.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. 5 ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora as Unicamp, 2016.

WEBER, Max. *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 2020

WEISS, Fátima de J. "Uma Igreja Inclusiva na parada: religião, visibilidade e política da/na diversidade". *Seminário Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 23 a 26 de agosto de 2010.